

Introdução

Cristãos no mundo inteiro acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus e, por isso, nosso guia de fé e ação no mundo. Entretanto, pouco nos atentamos para o fato de que a Bíblia *começa e termina* com a criação. Isto em si já deveria nos alertar para a importância do assunto.

Quero explorar as implicações deste início e deste fim na responsabilidade cristã diante da criação. Veremos também que, *no meio* do grande relato da salvação na Bíblia, estão presentes a preocupação de Deus e a responsabilidade do ser humano e da igreja em relação à sua criação. É uma narrativa comovente e desafiadora. E, se fizermos uma leitura cuidadosa, percebemos que a história tem um final otimista! Estamos caminhando em direção a novos céus e nova terra, a um mundo recriado pelo próprio Deus, mas que não dispensa o papel do ser humano, em especial dos cristãos, na redenção da criação.

Qual é o nosso papel, como seres humanos e como igreja? Como devemos exercê-lo diante dos desafios atuais? Vamos embarcar nesta?

O início em Deus Criador

*Homo sapiens*¹ ou *Homo dominator*²

Proposição 1: Toda a criação pertence a Deus e na sua essência possui um valor ético/aestético: bom, muito bom (Dt 10.14; Sl 24.1; Jó 41.11; 6x repetido "bom" > Gn 1.4, 10, 13, 18, 21, 25)

1. *A criação reflete uma característica fundamental de Deus = bom* (Sl 19; 29; 50.6; 65; 104; 148; Jó 12.7-9; At 14.17; 17.27; Rm 1.20). Logo o mesmo raciocínio que aparece em Pv 14.31; 17.5 pode ser aplicado àqueles que degradam a criação de Deus.
2. *A "bondade" ou a "beleza" da criação não se deriva de nós, e sim, de Deus.* Não é meramente para o nosso benefício (Sl 104.14-15), mas possui valor para Deus (vv.21-26)
3. *A criação, embora não divina, é sagrada, porque é criação de Deus, obedece a Deus, se submete a Deus, revela a glória de Deus se beneficia da provisão e sustentação de Deus e serve os propósitos de Deus.* Embora não cultemos a criação porque ela não é divina (Dt 4.15-20; Jó 31.26-28; Rm 1.25), reconhecemos que é sacra. Existe para glorificar Deus, como nós também existimos para glorificar Deus. Amar Deus é valorizar o que Ele valoriza e isto possui imensa significância missionária (Jo 14.15 > Gn 1.28 e

¹ Homem sábio ou homem conhecedor

² Homem governador

- 2.15). Se Deus se importa conosco *mais que* o passarinho (Sl 84.3; Mt 6.26; 10.31), a comparação mostra que valoriza *muito* o passarinho.
4. *Toda a criação é palco da missão de Deus e da nossa missão.* Pertence a Javé (Sl 139) e pertence a Jesus (Ele aplica Dt 4.39; 10.14,17 para si em Mt 28.18; veja também Cl 1.15-20)
 5. *A glória de Deus é o alvo da criação* (Sl 145.10,21; 148; 150.6). Não apenas a humanidade, mas toda a criação expressa a sua gratidão a Deus (Sl 104.27-28) e se alegrará na sua redenção e julgamento (Sl 96.10-13; 98.7-9)

Proposição 2: Deus criou a humanidade como espelho seu. A humanidade do ser humano está neste reflexo criador, ordenador e zelador de Deus. (Gn 1.28; 2.15)

1. *O destino e o bem-estar da criação estão entrelaçados com o destino humano.* O papel do ser humano, homem e mulher juntos, está ligado ao cuidado e à ordenação pró-ativos de todas as outras criaturas (capítulo 1), o que exige conhecimento e "classificação" minuciosa dos seres criados (capítulo 2). Em Gênesis 1, nasce o zelo e responsabilidade ecológicas do ser humano. Em Gênesis 2, nasce a ciência, que implica não só em conhecimento, mas também em responsabilidade.
2. Duas palavras descrevem a incumbência humana em Gênesis 1.28: *k bas* (sujeitar) e *r dá* (dominar). A primeira, *k bas*, é usada em Miquéias 10.19 com ação compassiva de Deus de "sujeitar as nossas iniquidades" (veja também *tágra* e *hupotáss* em 1Co15.25-28). A segunda, *r dá*, é usada para descrever o domínio do rei messiânico (Sl 72.8; 110.2; veja *basileú* em 1Co 15.25), modelo para os justos (Sl 49.14, "o justo os dominará no amanhecer do Dia da Salvação" [tradução minha]). Não são termos de violência³, e sim, de ordenação redentora. Seguimos o modelo do Rei Supremo que domina com compaixão, benignidade, amor, proteção, generosidade e bondade (Sl 104, Mt 6.26).

Estas duas incumbências essenciais da humanidade, "dominar" e "guardar" são papéis reais e sacerdotais, governar e servir, cujo modelo perfeito é Cristo. Também são os papéis escatológicos da nova humanidade restorada no fim (Ap 5.10). Logo, a boa ordenação (governo, domínio) e o cuidado prestativo (guardar, servir) é tanto o nosso propósito original quanto o nosso destino final. Missão integral não é integral se não inclui a criação toda.

3. *Apesar das conseqüências terríveis e abrangentes do pecado, a história do dilúvio deixa claro que essa incumbência primordial continua em vigor* (Gn 9.1-12). Portanto, assumimos a nossa humanidade legítima, em parte, quando assumimos a "missão ecológica" da boa ordenação do meio ambiente. É importante esclarecer que tal missão não visa principalmente o

³ Contra a acusação do muito citado Lynn White, "The Historical Roots of Our Ecological Crisis" (As raízes históricas da nossa crise ecológica), *Science* 155 (1967), pp. 1203-7.

benefício do ser humano, mas acima de tudo a glória de Deus, manifesta na beleza e no bem-estar de toda a criação (Gn 1.27-31; Sl 8, 104). Ser gente é ser agente no cuidado da criação.

O meio em Cristo Redentor

Imago Christi

Proposição 3: Jesus cumpriu o papel da humanidade e mostrou aos seus seguidores como podemos realizar a nossa nova humanidade (Rm 4.12-21; 2Co 5.17)

1. *Temos uma missão realizável!* Se, como *seres humanos*, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, como *cristãos*, somos exortados a ser imitadores de Jesus (1Ts 1.6; cf. 1Co 11.1) e crescer na “estatura da sua plenitude” (Ef 4.13). Ou seja, Jesus é o nosso referencial, o nosso modelo. Mais que isso, ele nos possibilita seguir os seus passos, estar nele (2Co 5.17)! Perguntamo-nos, então: qual é a relação de Jesus com a criação? As Escrituras dizem que tudo foi criado *por* ele e *para* ele (Jo 1.1-5; Cl 1.16; Ef 1.9-10; Ap 3.14). E na cruz, Jesus “reconciliou” toda a criação e assim, já anunciou o evangelho a ela (Cl 1.23)!
2. *Se somos seguidores de Jesus, nossa tarefa é contribuir para que a criação seja para Jesus.* Significa que: 1) agimos como Jesus, em relação à criação, e 2) a nossa postura em relação a poluição ambiental, o desflorestamento, o aquecimento global e muito mais, seja aquela que agrade a Jesus e honre ele como criador de todas as coisas. Lemos nos Evangelhos que o ministério de Jesus consistia em pregar, ensinar e curar. O seu ministério de cura exemplifica a valorização da criação (veja também como Jesus lidava com o vento, Lc 8.22-25; os peixes, Jo 21.6,11; um jumento, Lc 13.15; Mateus 6.26; parábolas etc.).

O meio no Espírito Libertador

Vivus Spiriti

Proposição 4: Seguidores de Cristo são vivificados nova e continuamente para a sua missão por meio do Espírito Santo que é a primeira porção já presente da promessa de restauração da criação. (Romanos 8.19-25).

1. *Os destinos da criação e do povo de Deus andam juntos.* Romanos 8 diz que aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (v.14). Como filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (v.17). Que

herança é essa? Logo pensamos em salvação, um lugar no céu e por aí vai. Mas o texto bíblico responde de modo diferente. Fala de uma herança “gloriosa”, sim (v.18), mas imediatamente vincula a nossa glória eterna, em contraste com o sofrimento atual, com a sorte da criação toda (v.19-25)! A “liberdade” e a “glória” futuras dos cristãos estão vinculadas àquelas da criação. Por quê? Talvez porque o cuidado da criação é incumbência humana desde o início e, por isso, é inseparável também do destino dos cristãos.

2. *Enquanto a humanidade pecaminosa escolheu “sofrimento” para a criação, a nova humanidade no Espírito escolhe “libertação”.* Por enquanto, participamos da sorte da criação, porque simplesmente fazemos parte dela. Mas não é uma relação fatal, que não podemos mudar. Por um lado, podemos ser instrumento de corrupção. E de fato, pela introdução do pecado, seremos humanos se tornaram, de longe, a principal causa dos problemas ambientais: desperdício, superexploração dos recursos naturais, não ir atrás de soluções já existentes, etc. Por outro lado, a raça humana ainda tem o papel de mordomo cuidadoso da criação. E a igreja, em particular, os “filhos de Deus” em Romanos 8, tem uma incumbência especialmente importante de desencadear para “libertar” a criação (“criação” e não “criatura” é a mesma palavra usada em 2 Coríntios 5.17 para descrever o novo estado daqueles que estão em Cristo.

O fim no Deus Soberano

Mundus novus

Proposição 5: Deus estabelecerá um novo céu e nova terra exemplificados pela justiça, paz e compaixão por meio do Redentor Jesus. (Gênesis 9.9-11; Isaías 11.1-9; 35; 65-66 [*65.17-25]; Apocalipse 21.1-4)

1. *Novo céu e nova terra pressupões renovação ao invés de aniquilação.* A Bíblia diz que no final veremos novos céus e nova terra. É comum entender que, por serem “novos”, estes serão outros céus e outra terra, e não terra e céus renovados. Como serão então, outros ou os mesmos, mas renovados? Esta pergunta é essencial para o empenho no cuidado da criação, porque, se tudo vai virar fumaça, por que perder tempo com o a preocupação ecológica? Trata-se de uma dúvida comum.
2. *Julgamento e libertação, ambos são essenciais ao governo de Deus, desde o início até o fim.* No Novo Testamento, a visão apocalíptica da criação pressupõe não apenas o seu *juízo* (2Pe 3.1-12), mas também e ultimamente a sua *renovação* (2Pe 3.13; Ap 21). Como o ser humano (suas obras, seu corpo) passará por julgamento e “fogo” (1Co 3.12-15), também a

criação passará pelo fogo do julgamento.⁴ Porém, da mesma forma que ainda haverá alguma continuidade entre os nossos corpos atuais e os corpos ressuscitados (1Co 15.35-58), assim também será com toda a criação, da qual fazemos parte. Ou seja, como Deus havia prometido após o dilúvio, nunca mais Deus realizará tal destruição(Gn 9.15)! A intenção de Deus é criar novo céu e nova terra, ou melhor, recriar este céu e esta terra, da mesma forma que cria os seguidores de Cristo em nova humanidade, ou melhor recria nossas mesmas pessoas em pessoas renovadas. Entendeu a analogia?

3. *A nossa esperança é também "mundana" e "terrestre"*. Tudo isso significa que a esperança da igreja não é uma esperança ultramundana e extrahistórica.⁵ Uma missiologia que leva a sério o papel criador de Deus, que age dentro da história humana, compreenderá o seu destino também dentro duma história e dentro dum mundo ainda em construção por Deus. Não fomos criados para fugir deste mundo e do nosso tempo, e sim, para redimi-los. Até uma leitura das mais superficiais das Escrituras repara esta proximidade, iniciativa e propósito de Deus nas atividades humanas. A missão "integral" inclui não só os diversos ministérios da igreja em relação ao seu próximo, mas também integra este mundo todo criado por Deus e esta história toda guiada por Deus. A escatologia da missão "integral" é uma escatologia engajada no projeto de Deus para o mundo que ele próprio criou e ainda redimirá.⁶
4. *Em Cristo somos "nova criação"* (literalmente a frase usada em 2Co 5.17, e não "novas criaturas"; veja também Gl 6.15), isto é, pessoas recriadas e renovadas, porém com os mesmos corpos. Novo homem não é outro homem material. E o mesmo se aplica a toda a criação. Haverá um final feliz, do qual somos convidados a participar. Só que, precisamos fazer a nossa parte, uma parte muito importante, para a renovação da criação. É papel de Deus? Sem dúvida! Mas da mesma forma que Deus nos chama para evangelizar e é Ele quem salva, nos chama para renovar a criação, mas que o autor de novo céu e nova terra seja Ele.

⁴ A visão paradisíaca da linguagem apocalíptica funcionava não para dispensar o povo de Deus da sua responsabilidade e engajamento no aqui e no agora em favor dum lugar e tempo remotos. Ao invés disto, servia de inspiração e paradigma para sua missão dentro da história e mundo presentes.

⁵ Ao contrário da interpretação superficial de 1 Coríntios 15.19 que desconsidera que a passagem *toda* depende da confiança na realização por Deus de algo que aconteceu dentro da nossa história e do nosso mundo concretos: a ressurreição de Jesus por via de *morte*. Em 1 Coríntios 15.19, Paulo denuncia a fé coríntia que tente excluir a morte nesta vida a favor duma "ressurreição" já realizada num plano espiritual e extra-terrestre, uma noção mais gnóstica que bíblica.

⁶ Nesta reflexão somos forçados a optar entre, por um lado, uma escatologia reformada que avalia positivamente a ação de Deus na nossa história e no nosso mundo, e por conseqüente, a viabilidade essencial da incumbência missionária da igreja, e por outro lado, uma escatologia que avalia com pessimismo a viabilidade de tal incumbência e a efetividade da ação redentora de Deus em Jesus Cristo dentro da nossa história e dentro do nosso mundo. É impossível abraçar as duas posturas simultaneamente.